

## A metáfora de uma vida: homenagem à pesquisa de Rui de Souza Josgrilberg

Vitor Chaves de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo homenageia o Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg, renomado professor e pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo.

**Palavras Chave:** Rui de Souza Josgrilberg. Fenomenologia. Umesp.

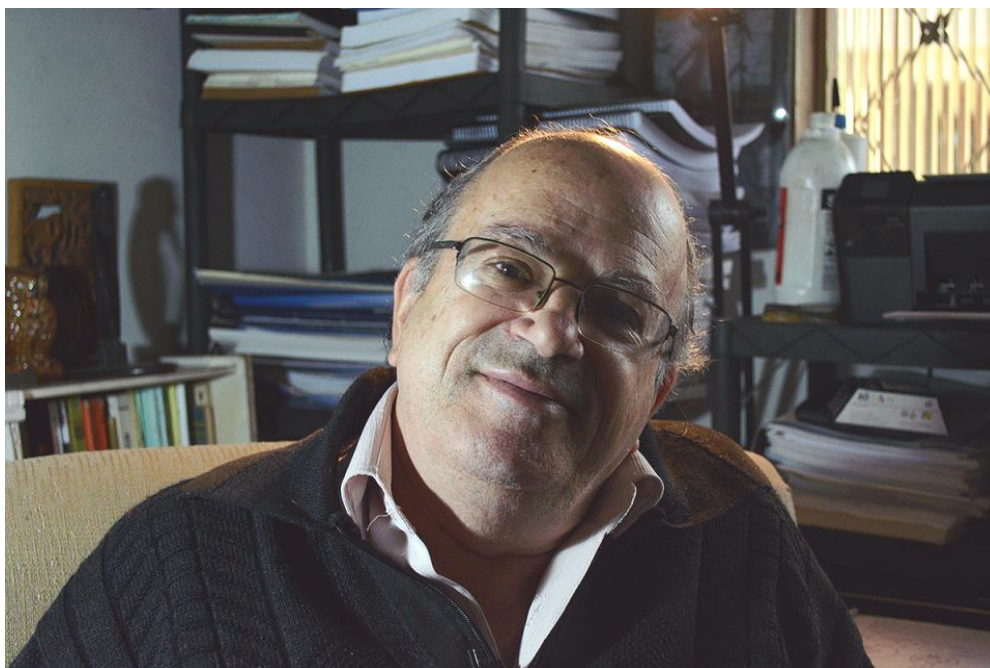
**Abstract:** This article is a homage to Dr. Rui de Souza Josgrilberg, outstanding scholar of the Universidade Metodista de São Paulo.

**Keywords:** Rui de Souza Josgrilberg. Phenomenology. Umesp.

“Todo escritor possui uma convocação existencial para compor sua obra”, reagiu o professor à pergunta da polonesa sobre a importância da experiência da vida para a literatura e a pesquisa.

Algo além da pergunta cativou a minha atenção: o copo de água servido ao professor, colocado ao seu lado, próximo de seu braço direito.

Será que o professor viu o copo?



Rui Josgrilberg em seu escritório pessoal, São Bernardo do Campo, 2015. (foto VCS)

“O empirismo, frequentemente, apenas constata fatos. O que são fatos? Fato vem do latim *factum* que significa algo criado, algo feito.”

O professor gesticulava enquanto falava.

---

<sup>1</sup>. Teólogo, Doutor e Pós Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

“Já a Gestalt, esta percebe a totalidade dos fenômenos. Quer dizer, percebe o quadro todo, tanto a figura, a forma como o fundo”, e abriu os braços como um avô abre os seus para abraçar o neto (ou os muitos netos).

Ai, professor, olhe para o lado, tem um copo de água que você quase raspou com a mão!

“A saber, há uma linha da filosofia que se chama fenomenologia. Que é a fenomenologia?”, perguntou com o queixo elevado, encarando cada aluno na sala. “É o pensar que considera a primordialidade dos fenômenos”, e descansou os braços sobre a mesa, longe do copo.

Ufa!

“Tudo que se manifesta, isto é, o fenômeno do dia a dia que chega para mim, não importa se é uma flor que eu contemplo no jardim ou uma intriga no trânsito, é mais importante que qualquer conhecimento anterior. Merleau-Ponty criticou os gestaltianos por aterem-se aos laboratórios e aos processos empíricos, enquanto a percepção, em início, deveria ser priorizada. A percepção da coisa simples que está na nossa frente”, gesticulou com os dedos na frente dos olhos sugerindo atenção visual, “é que deveria ser considerada antes de qualquer coisa.”

Fabio e eu demos risada. Ele, muito observador e perspicaz, também notou o perigo pelo qual o copo passava.

“Devemos ver o todo”, abriu os braços novamente, “e não apenas a especificidade de alguns procedimentos científicos. Devemos olhar a nossa volta e ver que há algo além do que a pesquisa nos apresenta.”

Sim, há um copo, professor, prestes a ser nocauteado.

“O mundo-da-vida é este mundo que está aí, o mundo primeiro, nem melhor nem inferior à ciência. É o mundo onde a ciência é gerada e para onde a ciência deve voltar.”

Cuidado, o copo!

Desta vez o braço passou a milímetros do copo, que provavelmente conquistou a atenção de outros alunos também.

“E assim”, concluiu a resposta, “poderíamos falar em novas ciências que englobassem outros processos e outras experiências do humano.”

Olhou de soslaio, sorriso maroto.

Esperou alguém reagir.

Sem precisar mirar, pegou o copo e bebeu.

A aula estava em suas mãos.



Rui Josgrilberg, Marcos A. da Silva e Vitor Chaves de Souza no Cine Belas Artes, São Paulo, 2014.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*  
\*\*\*

Como aluno e orientando de Rui de Souza Josgrilberg, recebi, do estimado professor Jean Lauand – com quem Rui realiza uma brilhante parceria de trabalho em pós-graduação nos últimos anos –, o convite para registrar, em forma de homenagem, a importância do trabalho de Rui Josgrilberg para a pesquisa em Teologia, Filosofia, Ciências da Religião e Educação.

Quando eu penso no professor Rui, penso na *metáfora*. Encantou-me, antes de qualquer objeto de tese, a profundidade do estudo da metáfora que Rui alcançava em suas pesquisas. Quanto mais Rui seguia com a questão, mais possibilidades eram abertas para o saber da metáfora. “A Metáfora é viva”, disse-nos em uma de suas aulas. “Ela, na condição de inovação semântica, nunca se esgota. É a metáfora que dá vida à linguagem. Muda de um lugar para outro, sem se prender à estrutura da linguagem: ela está na própria origem da linguagem. Abre horizontes, oferece uma saída, permite novos dizeres. Ela é a parte viva da linguagem. Por isso o livro de Paul Ricoeur chama-se *A Metáfora Viva*”. Pesquisei, ao lado dos meus objetos de estudo na pós-graduação, incansavelmente, o sentido da metáfora. “Ricoeur fez 15 esboços do livro *A Metáfora Viva* até chegar na versão final”, confidenciou-me o professor Olivier Abel, no *Fonds Ricoeur*, em Paris, durante o inverno de 2012. Aprendi a dificuldade do dizer metafórico. Como sintetizar um conteúdo tão vasto e inesgotável?



Jean Lauand e Rui Josgrilberg, UMESP, São Bernardo do Campo, 2014. (foto VCS)

Recordo-me da recepção aos calouros do curso de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, do ano de 2004, da qual eu fazia parte. A pastora Margarida Ribeiro apresentava publicamente os professores da então Fateo e o anúncio de um dos nomes me chamou a atenção: enquanto aos demais era dado um resumo biográfico, ao Rui de Souza Josgrilberg ela apenas mencionou: “Aquele que dispensa qualquer apresentação ou comentário”.

O tom metafórico de suas palavras não informou muito aos calouros, mas demonstrou um respeito evidente para quem o conhecia. No ano seguinte, eu tive a oportunidade de, pela primeira vez, ouvir uma fala do Rui. Tratava-se da 54ª Semana Wesleyana, cujo tema contemplava “Vida, Missão e Pluralismo: Desafios para o Metodismo Hoje” e tinha em Dr. Inderjit Bhogal, Presidente da Igreja Metodista na Grã-Bretanha de 2000 a 2001, o seu principal interlocutor. As ideias ecumênicas e progressistas do palestrante visitante Bhogal dividiu, nitidamente, o auditório lotado de estudantes, professores, bispos, pastores, lideranças e demais representações regionais da Igreja Metodista e de outras igrejas cristãs. No último dia do evento, crescia a tensão na recepção da palestra do presidente da igreja metodista na Grã-Bretanha. O evento não poderia terminar num ponto crítico. Afinal, um dos bispos da igreja metodista brasileira pediu a palavra e contrariou a palestra do bispo estrangeiro dizendo: “Eu não mando a minha igreja por esse caminho!”. Metade do auditório o aplaudiu, enquanto a outra se silenciou. O momento terminaria com o tradicional culto de despedida. No lugar da prédica, Rui Josgrilberg, na época reitor da Faculdade de Teologia, assumiu a palavra e conduziu a reflexão mais genial que eu ouvi durante o meu período de estudante na faculdade. Genial não apenas pela erudição da mensagem, mas, principalmente, por intervir, no momento certo, no auge da crise, com uma coragem e disposição sem igual. A saber, Rui conseguiu valorizar a novidade da palestra do convidado sem tirar a razão daqueles que não compactuavam com o pensamento divergido. Desse cruzamento de horizontes aparentemente opostos, uma novidade apareceu aos ouvintes: novidade da síntese entre os aspectos positivos de ambas as partes, abrindo uma nova possibilidade inclusiva, para a própria reflexão, de se pensar o cristianismo. Rui fez valer os dias de estudos wesleyanos daquela semana e justificou a sua posição como líder da faculdade. Naquele dia eu desejei tê-lo como mentor dos meus estudos.

Estamos aqui com um professor de envergadura acadêmica inestimável, que consegue fazer uma grande aula de uma pergunta aparentemente simples. Rui Josgrilberg graduou-se em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1967). Doutorou-se em *Sciences Religieuses* pela Université de Strasbourg (1973), onde estudou com Paul Ricoeur, Roger Mehl, Gilbert Vincent entre outros. Graduado também em filosofia, Rui Josgrilberg foi um dos docentes mais respeitados da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. Formou uma geração de pastores, professor de futuros bispos metodistas, orientador de diversos pesquisadores.

O reconhecimento de seu trabalho veio com o tempo. Recebeu o prêmio de Honra ao Mérito, da Cátedra UNESCO/Methodista de Comunicação, em 2006. Em 2008 foi homenageado por 25 anos de dedicação e profissionalismo ao Instituto Metodista de Ensino Superior. Logo depois, em 2011, foi homenageado pelos trabalhos de reitor, vice-reitor e professor – na ocasião, o registro dessa homenagem foi representada pela publicação da obra *Teologia wesleyana, latino-americana e global: uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg* (série Teologia Wesleyana Brasileira), dos organizadores Helmut Renders e José Carlos de Souza. No ano seguinte recebeu Honra ao Mérito, ALAIME - Asociación Latinoamericana de Instituciones Metodistas de Educación. e, em 2013, outra homenagem da Universidade Metodista, agora pelos 30 anos de trabalho na instituição.

Por fim, aos 25 de Setembro de 2015, outra surpresa cruzou o seu caminho: recebeu o *Título da Ordem do Mérito dos Educadores Metodistas*, oferecido pelo Cogeime – Instituto Metodista de Serviços Educacionais.

Entre tantas homenagens, faltava uma: a contemplação do trabalho de pesquisador. (E não por acaso a motivação para tal homenagem veio de Jean Lauand –

um dos maiores pesquisadores com quem eu já tive a oportunidade de conviver). Como professor nos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião e em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, Rui Josgrilberg destacou-se na pesquisa fenomenológica, teológica e estudos wesleyanos. Esteve entre os membros fundadores da Sociedade Brasileira de Fenomenologia, sendo o primeiro presidente dessa sociedade. Trabalhou, sobretudo, com o pensamento de Edmund Husserl. Lecionou fenomenologia para acadêmicos das ciências naturais em diferentes instituições de ensino, profissionais da saúde, a saber, na Universidade de São Paulo; e fenomenologia do cuidar para psicólogos.

Quando perguntado sobre a sua especialidade teórica, geralmente um autor de referência, Rui modestamente restringia-se, apenas, ao pensamento de Husserl – mas os alunos sabiam que ele poderia falar de muitos outros pensadores com a mesma maestria com que falava do “pai da fenomenologia”. A constante preocupação com temas fenomenológicos o levou a redigir preciosos materiais sobre o assunto, dentre eles, *“Da formação de mundos à imaginação educadora”*, *“A formação do ser humano em correlação com os mundos em que vivemos”* e *“A Constituição do Sujeito Ético”*. Publicou livros, como *“Corpo e Existência”* e *“Fenomenologia e análise do existir”*. Atua no corpo de membros de institutos de pesquisas, como o PsicoEthos. Estendeu sua contribuição para grupos de pesquisa da Universidade de São Paulo entre outras. Colaborador de periódicos, organizador de eventos internacionais, conferencista, palestrante e, principalmente, orientador de pesquisadores.



Rui Josgrilberg e Jean-Luc Marion, Mosteiro São Bento, 2014. (foto VCS)

Todavia, o eco de seus estudos alcançaram interesses diversos, além da fenomenologia eidética e áreas afins. Adiante das fronteiras, encontramos o teólogo. Professor de disciplinas como Introdução à Teologia, Hermenêutica, Teologia Sistemática e Filosofia da Religião, a atuação de Rui na graduação de Teologia e Filosofia, ao lado da contribuição no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, identificou a pluralidade das tarefas exercidas em tempo integral, muitas vezes dividido entre a reitoria da Faculdade de Teologia, mas, incrivelmente, sem que uma atividade comprometesse o rendimento da outra.

Profundo conhecedor do grego, Novo Testamento e patrística, as aulas ministradas pelo Rui vão da Bíblia ao diálogo com as ciências naturais com a mesma competência em todas as áreas, a deixar surpreso o ouvinte conhecedor de cada área. A sua parcela na pesquisa do metodismo brasileiro é inestimável. Igualmente, o trabalho em grupos de pesquisa elevou a qualidade dos estudos dos seus orientandos. Não é possível medir a extensão de um pensador, mas, valendo-nos das produções teóricas, Rui Josgrilberg colaborou com mais de 30 livros, inúmeros textos em jornais, seminários e congressos. Publicou, no diálogo entre teologia e filosofia, artigos como “*Vivência filosófica e espiritualidade cristã em Edith Stein*” e “*Experiência do lógos e o lógos joanino*”. Sobre metodismo, alguns materiais como “Para que uma teologia metodista brasileira?”, “Celebrar a educação na visão metodista: a propósito do 45 anos do GOGEME”, e “A motivação originária da Teologia Wesleyana: O Caminho da Salvação”. Trabalhou com temas essencialmente filosóficos: “Heidegger e a Linguagem em Mestre Eckhart”, “A Autonomia e a cultura brasileira”; temas teológicos: “A concepção de símbolo e religião em Freud, Cassirer e Tillich”, “Ser e Deus no pensamento de Paul Tillich”. Participou de dezenas bancas de mestrado e doutorado. Proferiu palestras ao redor do mundo, a destacar, *Theology worked out from and for Life: Wesley's "Practical Christianity"*, na Inglaterra, no Instituto Oxford de Estudos Teológicos Metodistas.

A trajetória da pesquisa de Rui Josgrilberg remete a preocupação das origens. Não por acaso um de seus grupos de pesquisa na pós-graduação chama-se *Archeion*; do grego, as coisas primeiras e principais – os arquivos da humanidade. Por um outro lado – o teológico – liderou o Centro de Estudos Wesleyanos (CEW), no qual, inspirado pelo resgate das origens do metodismo, propõe uma teologia metodista brasileira em diálogo com as suas raízes. Recentemente, o seu trabalho, centrado na pós-graduação em Ciências da Religião, como também no stricto sensu em Educação, persegue a fenomenologia e alcança, mais precisamente, as intuições originais sobre o conhecimento do si-mesmo mediado pela dinâmica dos jogos de si-mesmo e rejosos com os outros.

Pois bem. No início do texto insinuei a metáfora como um possível caminho para simbolizar a homenagem ao professor Rui Josgrilberg. Difícil oferecer uma definição rápida e única da metáfora. Entretanto, o aspecto de sua estrutura, apresentado por Paul Ricoeur – filósofo com quem Rui possui estreita afinidade intelectual – pode elucidar a questão: *transferência de sentido*. A metáfora, segundo Platão, é o transporte a uma coisa de um nome que designa outra; transporte quer do gênero à espécie. Ora, não é este o sentido da tarefa de um professor? Auxiliar os estudantes, pela aquisição e descoberta do conhecimento, a darem passos além da realidade circunstante que os desafia? Percebi, então, que o trabalho de Rui poderia resumir o que entendemos, na pesquisa hermenêutica, por metáfora. “Construir bem metáforas é perceber bem as semelhanças” (Aristóteles, *Poética*, XXII, 17, 1459a, 4-8). Isso explica as palavras da Margarida Ribeiro para o Rui Josgrilberg: “Aquele que dispensa qualquer apresentação ou comentário”. Rui traz consigo um mundo de sentidos construídos de tal modo que sua vida e seu trabalho são semelhantes. A vida de Rui tornou-se na metáfora de uma vida dedicada ao conhecimento e à pesquisa, tendo como fundo a espiritualidade. Apenas quem conheceu e conviveu com Rui, tanto no mundo acadêmico como na vida comunitária, pôde sentir a importância das semelhanças criadas pelo Rui entre vida e saber. Afinal, assim como a metáfora é a parte viva da linguagem, a vida de Rui Josgrilberg é a metáfora de quem deu sentido ao mundo vivido.

Recebido para publicação em 26-09-15; aceito em 03-10-15